

Esportes adaptados e inclusão nas aulas de educação física

Adapted sports and inclusion in physical education classes

Recebido: 05/03/2021 | **Revisado:** 27/04/2021 | **Aceito:** 11/02/2021 | **Publicado:** 06/04/2022

Valdinei Matias Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4173-6148>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Belém
Email: valdinei_matias@hotmail.com

Evaldo Júlio Ferreira Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6335-2634>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Belém
Email: evaldo.soares@ifpa.edu.br

Como citar: SANTANA, M. V.; SOARES, E. J. F.; Esportes adaptados e inclusão nas aulas de educação física. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 22, p. 1 – 17, e12108, Abr. 2022. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

O objetivo é verificar como a prática de esportes adaptados favorece a inclusão de pessoas com deficiência visual nas aulas de educação física (EF). É um estudo qualitativo realizado em 2019 no *campus* Tucuruí do IFPA em uma turma do ensino médio, onde foram desenvolvidas as modalidades de *goalball* e futebol de 5. As aulas foram estruturadas conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Utilizou-se para a coleta de dados um questionário adaptado de Cunha (2013) e as respostas foram processadas e analisadas pelo *software* IRAMUTEQ. Os resultados demonstraram reflexões positivas sobre a inclusão e que essas modalidades esportivas são inclusivas. Conclui-se que a prática de modalidades de esportes adaptados nas aulas de EF favorece na inclusão de pessoas com deficiência visual.

Palavras-chaves: Educação física; Inclusão; Deficiência visual; Esportes adaptados; Educação profissional e tecnológica.

Abstract

The objective is to verify how the practice of adapted sports favors the inclusion of people with visual impairments in physical education (PE) classes. It is a qualitative study carried out in 2019 in the Tucuruí campus of the IFPA in a high school class, where goalball and a game of 5-player soccer were developed. The classes were structured according to Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004). A questionnaire adapted from Cunha (2013) was used for data collection and the responses were processed and analyzed by the IRAMUTEQ software. The results showed positive reflections about inclusion and that these sports are inclusive. We concluded that the practice of adapted sports modalities in PE classes favors the inclusion of people with visual impairments.

Keywords: Physical education; Inclusion; Visual impairment; Sports; Professional and technological education.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de pessoas com deficiência no contexto escolar é um direito garantido por lei. Assim, à escola se atribui a responsabilidade do processo de sistematização e adaptação das suas práticas com vistas a atender as necessidades de aprendizagem de alunos com deficiência, entretanto é importante considerar os desafios ou até mesmo o despreparo que os sistemas de ensino enfrentam na busca de efetivar esse direito.

Para Mantoan (2003), um verdadeiro processo de inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, visto que deve atingir não apenas alunos com deficiência que apresentam dificuldades de aprendizagem, senão todos que fazem parte do processo de educação, já que somente assim se obtém sucesso na corrente educativa geral, segundo esta autora “as escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e é estruturada em função dessas necessidades” (p.16).

A escolarização das pessoas com deficiência surgiu no decorrer do século XX, com a criação das salas especiais nas escolas regulares, nestas salas eram colocados os alunos que tinham maiores dificuldades de aprendizagem, demonstrando assim a incapacidade da escola em responder ao aprendizado de todos os alunos (NUNES; SAIA; TAVARES, 2015). Desta forma a “educação especial foi constituindo-se como um sistema paralelo ao sistema educacional geral, até que, por motivos morais, lógicos, científicos, políticos, econômicos e legais, surgiram as bases para uma proposta de unificação” (MENDES, 2006 p.388).

No Brasil as conquistas mais significativas de direito das pessoas com deficiência ocorreram após a promulgação da constituição federal de 1988, pois segundo Braga e Feitosa (2016) o novo texto trouxe uma verdadeira renovação da perspectiva sobre o significado da educação e do tratamento dado aos direitos da pessoa com deficiência ao incluir a educação como um direito social.

Nessa perspectiva outro ponto forte da legislação brasileira foi a elaboração do documento normativo da política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva no ano de 2008, elaborado por um grupo de trabalho, constituído por vários especialistas no assunto, com o objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e orientar os sistemas de ensino na garantia de vários direitos relacionados ao processo de inclusão na escola, tanto físicos como humanos (BRASIL, 2008).

No atual cenário inclusivo da escola, delineado pela política nacional de educação especial na perspectiva de uma educação inclusiva, temos entre outros desafios, o de incluir alunos com deficiência visual nesse espaço. Segundo Nunes e Lomônaco (2010, p. 60), “o aluno cego, em sua vida escolar, necessita de materiais adaptados que sejam adequados ao conhecimento tátil-cinestésico, auditivo, olfativo e gustativo – em especial materiais gráficos táteis e o braile”. Logo, é importante que se adequem os materiais de modo a garantir aos alunos cegos o acesso às mesmas informações dadas aos outros, evitando, assim, desvantagem entre os pares.

Nessa perspectiva, Freitas, Sales e Moreira (2016) afirmam que incluir um aluno com deficiência visual em uma escola de ensino regular é, em suma, dar-lhe

oportunidade para que possa participar efetivamente das aulas. A inclusão escolar, para eles, parte do pressuposto de que os alunos com deficiência devam receber o mesmo trato pedagógico que os alunos ditos normais. Os autores supracitados entendem que para que a inclusão de fato aconteça a escola deve estar preparada no que “tange as questões de acesso, a permanência e principalmente, as metodologias adaptadas para assegurar a participação desse aluno nas aulas” (p.101).

Outro desafio ainda mais específico para os sistemas escolares é incluir alunos deficientes visuais nas aulas de educação física (EF). Segundo Ferreira e Cataldi (2014), a inclusão desse público tornou-se uma exigência legislativa, e a presença cada vez mais marcante de alunos deficientes visuais na escola requer especificidades de pessoas e de conteúdo.

Entretanto, para contribuir com a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de EF, conta-se com o conteúdo de esportes adaptados, os quais, segundo Salermo e Araújo (2008), são modalidades baseadas em esportes existentes e conhecidos, mas que passam por adaptações das regras de modo que possam ser praticados por essas pessoas. Dessa forma, tais esportes tornam-se aliados no processo de inclusão quando postos em sua forma adaptada através de modalidades esportivas paralímpicas nas aulas de EF (ALVES; FIORINI, 2018).

Nesse sentido, observamos que a temática da inclusão de alunos com deficiência nas aulas de EF do ensino médio integrado (EMI) dos Institutos Federais de Educação (IFes) ainda é pouco explorada; e, quando se refere precisamente à inclusão de alunos deficientes visuais nas aulas, os estudos se tornam mais escassos e se concentram, sobretudo, em criações de metodologias pedagógicas para a inclusão (FERREIRA; PEREIRA; COSTA, 2018) e no desenvolvimento de estratégias metodológicas de natureza interdisciplinar (OLIVEIRA; MELO, 2020).

Fica evidente, desse modo, que as pesquisas relacionadas à inclusão em aulas de EF dentro dos IFes precisam ser ampliadas, visto que é crescente o número de pessoas com deficiência que ingressa nessas instituições de ensino. Segundo dados do censo escolar de 2019, o número de matrículas no ensino médio integrado dos Institutos Federais chegou a 623.178 mil em 2019, um aumento de 28,3% em relação ao ano de 2015, e considerando apenas os alunos da educação especial, verifica-se que o percentual de alunos incluído em classes comuns nas escolas federais vem aumentando gradativamente, passando de 73,4% em 2015, para 90,1% em 2019 (BRASIL, 2020).

A EF, indiscutivelmente, precisa desenvolver alternativas e adaptações que atendam esse público. Nessa perspectiva, temos o seguinte questionamento: seria o conteúdo de esportes adaptados praticado no ambiente escolar capaz de favorecer a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de EF? O objetivo deste estudo, portanto, é verificar como a prática de esportes adaptados favorece a inclusão de pessoas com deficiência visual nas aulas de educação física no ensino médio integrado do Instituto Federal do Pará Campus Tucuruí.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OS INSTITUTOS FEDERAIS E OS CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

De acordo com o Art. 2º da Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino (BRASIL, 2008).

A educação profissional técnica de nível médio na rede, especificamente, é caracterizada por uma proposta de ensino integrado, que se trata de uma articulação entre o ensino médio e a educação profissional (CIAVATTA; RAMOS, 2012).

O ensino integrado é uma proposição pedagógica comprometida com a utopia de uma formação inteira, que não se satisfaz com a socialização de fragmentos da cultura sistematizada e compreende como direito de todos o acesso a um processo formativo, inclusive escolar, capaz de promover o desenvolvimento de amplas faculdades físicas e intelectuais (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015).

O grande desafio dos Institutos Federais, nesse contexto, é consolidar uma proposta de política pública de inclusão de pessoas com deficiência na rede que tenha estruturas básicas de atendimento, considerando as diferenças.

Os debates e reflexões sobre a educação inclusiva no IFPA surgem com a implantação do Programa de Educação, Tecnologia e Profissionalização da Pessoa com Necessidades Educacionais Especiais (TEC NEP) no ano de 2002. Segundo Nascimento e Farias (2013), o programa em questão foi a primeira experiência de educação profissional e tecnológica inclusiva para pessoas com deficiência, superdotados e com Transtornos Globais do Desenvolvimento.

Ainda segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do IFPA, uma ação de grande importância realizada na perspectiva inclusiva foi a adesão ao Pacto Nacional Universitário pela Promoção do Respeito a Diversidade, Cultura da Paz e Direitos Humanos, em conformidade com a Resolução CNE/CP nº 01, de 30 de maio de 2012. Isso evidencia o compromisso social desse instituto com a promoção dos direitos humanos e o respeito à diversidade conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (IFPA, 2019).

Outra legislação importante nesse cenário foi a criação da Resolução nº 064/2017, de 22 de março de 2018, pois aprova as diretrizes, princípios, formação e atribuições do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas do IFPA (NAPNE).

Para Dall'Alba e Guerreiro (2016), a criação dos NAPNEs tem fortalecido o processo de inclusão nos Institutos Federais. Segundo os autores, a presença desse núcleo não se configura como uma ação assistencialista, mas sim como uma oportunidade de acesso à educação dentro dessas instituições, de modo que tais núcleos possam oferecer condições favoráveis aos alunos atendidos, contribuindo desde a sua permanência até a conclusão do curso.

Dessa forma, observa-se que os IFes têm caminhado rumo a uma proposta de educação que atenda a todos, entretanto, ainda é necessária uma discussão sobre a verdadeira função dessas instituições no cenário nacional no que diz respeito a uma proposta de educação inclusiva.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: CAMINHOS QUE SE DESENVOLVEM

No passado, a história da EF nas instituições federais de ensino foi marcada por fortes influências das instituições militares da época, com práticas pedagógicas que privilegiavam o culto à hierarquia, a valorização da educação moral, a educação do coletivo em detrimento da atenção ao indivíduo e de um forte engessamento e controle do trabalho docente (GARIGLIO, 2002).

Nesse contexto, Silva e Braga (2014), ao estudarem a história da EF no currículo da escola profissionalizante de Porto Alegre/RS, verificaram que a disciplina fazia parte do grupo das propedêuticas, logo, com carga horária de uma hora semanal e apenas atribuição de conceito de habilitado ou não habilitado, sem nota numérica.

Com o passar do tempo, a EF enquanto disciplina escolar sofreu transformações em sua estrutura, transpondo uma prática essencialmente militar, em sua implantação, para uma nova concepção, em seu processo de efetivação, com valorização das atividades coletivas em detrimento das individuais e das diferenças, de modo que todos os alunos tivessem acesso aos elementos da cultura corporal do movimento (METZNER *et al.*, 2017; BOSCATTO; DARIDO, 2020).

Entretanto, segundo Carvalho *et al.* (2017), esse movimento de transformação se desenvolveu a partir dos anos 80, quando a EF passa a ter uma nova identidade, agora com ideais transformadores a partir da ampliação do movimento de luta política pelos direitos humanos, inclusive da pessoa com deficiência. Em suma, buscava-se as bases legais que oficializaram uma proposta inclusiva no território nacional.

Nesse sentido, Metzner *et al.* (2017) observaram que os IFes estão procurando superar o ensino tecnicista e esportivista da área, ao trazer para as aulas de EF no EMI novas possibilidades de movimentos, de sentidos e de significados nas diversas manifestações da cultura corporal do movimento. Mais que isso, a disciplina tem contribuído para a autonomia crítica do aluno e viabiliza a vivência de novas experiências, a mobilização de seus desejos e potencialidades, conforme os autores.

Face a essa nova identidade e atual conjuntura da EF, novas estratégias e metodologias pedagógicas apropriadas têm sido buscadas no intuito de garantir uma educação que atenda a todos. É importante destacar que todas essas transformações referentes ao novo ideário da EF aconteceram de forma simultânea ao movimento inclusivo da educação, segundo o qual todos devem aprender a partir de aulas disponíveis a todos os alunos de forma planejada e estruturada, removendo, assim, possíveis barreiras de aprendizagem (ALVES; FIORINI, 2018).

Sendo assim, torna-se importante adaptar e modificar regras, materiais e locais para favorecer a participação de pessoas com deficiência nas diversas modalidades esportivas (CARDOSO, 2011). As adaptações são necessárias com objetivo de atender às necessidades educacionais dos estudantes com deficiência (MUNSTER, 2013).

É importante apontar, portanto, que a educação física se trata de um espaço onde há a possibilidade de trabalhar as diferenças corporais, oferecendo a oportunidade de resgatar, fortalecer e divulgar as potencialidades e habilidades dos

alunos, preparando-os para atuarem na sociedade com seus olhares voltados também à diversidade (FERREIRA; CATALDI, 2014).

Assim, modalidades de esportes adaptados surgem como uma das possibilidades de conteúdos para contribuir com a inclusão de alunos com deficiência na escola, pois, segundo Salermo e Araújo (2008), essas modalidades são baseadas em esportes existentes e conhecidos que passaram por adaptações nas regras de modo que possam ser praticados por pessoas com deficiência.

Os autores supracitados acrescentam, ainda, que a prática de esportes por pessoas com deficiência não ocorre apenas pelo movimento ou desenvolvimento de coordenação motora, entre outros aspectos; ela pode fazer parte do contexto da educação física escolar para que todos os alunos compreendam as diferenças e identifiquem no fenômeno esportivo algo viável para todos (SALERMO; ARAÚJO 2008)).

Nessa perspectiva, Ribeiro (2009) considera que a prática do esporte adaptado na escola é um conteúdo capaz de promover avanços na área motora e nas demais áreas do desenvolvimento que a educação física escolar engloba, como a afetiva, a cognitiva e a social. Ao corroborar com esse pensamento, Mila, Sales e Rodrigues (2017) destacam que a prática de modalidades de esportes adaptados possibilita a diminuição da exclusão, potencializa o convívio entre os alunos sem deficiência e evidencia o direito de todos participarem ativamente das aulas de EF.

Nesse contexto, de acordo com Freitas, Sales e Moreira (2016), a EF é desafiada a criar atividades possíveis para todos, e esse desafio é altamente motivador, porque faz com que professores e/ou educadores utilizem seu poder criativo para, de fato, construir uma escola para todos e possibilitarem habilidades também para todos, respeitando o ritmo, os limites e as possibilidades de cada um.

Dessa forma, observa-se que os Institutos Federais possuem um grande desafio para efetivar uma proposta de uma EF que atenda a essas especificidades, em que Boscatto e Darido (2017, p.3) reconhecem como sendo “um desafio iminente, no que tange a identificar e sistematizar quais são os conceitos, as temáticas e os conteúdos do ensino da EF que podem ser oportunizados aos estudantes do ensino médio integrado.

3. METODOLOGIA

O presente estudo é resultado de uma pesquisa de campo e possui uma abordagem qualitativa, que segundo Gil (2019, p.109) pesquisas desta natureza apresentam um enfoque interpretativista que considera que o “mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que o vivenciam, o que implica considerar que o objeto da pesquisa é construído socialmente”.

Este estudo foi classificado como descritivo e exploratório. Os estudos descritivos se fundamentam em descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou estabelecimento de relações entre as variáveis. No que se refere as pesquisas exploratórias elas têm a finalidade de esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses a serem testadas em estudos posteriores (GIL, 2019).

O estudo foi realizado no segundo semestre do ano de 2019 e contou com a participação de 28 alunos videntes¹ de ambos os sexos e 1 aluno deficiente visual com cegueira total do sexo masculino, todos na faixa etária entre 14 e 18 anos de uma turma do primeiro ano do ensino médio integrado do IFPA Campus Tucuruí. Esta turma foi escolhida devido à presença de um aluno deficiente visual, fato este que possibilitaria verificar de forma abrangente como se daria o processo de inclusão através das modalidades adaptadas desenvolvidas.

Desta forma estavam aptos a participar da pesquisa todos os alunos que pertenciam a referida turma que estavam em boas condições físicas e/ou emocionais, entretanto, foram excluídos os alunos de outras turmas, assim como aqueles que por motivos pessoais, condição físicas e/ou emocionais não ponderaram realizar as atividades propostas. Todos os participantes assinaram em duas vias o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou Termo de Assentimento (TA) para os menores de idade, necessário o consentimento dos pais e/ou responsáveis.

O processo de intervenção foi desenvolvido seguindo a metodologia de sequências didáticas (SD) proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A estruturação das aulas de educação física, por sua vez, foi baseada na metodologia crítico superadora² proposta pelo Coletivo de Autores³ (1998). Como instrumento para coleta de dados, foi utilizado um questionário adaptado de Cunha (2013).

O referido questionário era composto por 12 questões, e foi aplicado pelo pesquisador em sala de aula a todos os alunos da turma, os quais não precisaram identificar-se por nome, apenas por idade e sexo, desta forma, o tempo médio de preenchimento foi correspondente a uma aula de 50 minutos. O referido instrumento foi aplicado ao final do processo de intervenção e tinha como objetivo saber as opiniões dos alunos sobre as modalidades desenvolvidas, e se estas ajudariam no processo de inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de educação física.

Foram desenvolvidos sete módulos (planos de aulas) referentes aos conteúdos das modalidades de esportes adaptados, sendo um módulo introdutório do conteúdo, dois módulos da modalidade de *goalball*, três módulos da modalidade de futebol de 5 e um módulo final avaliativo. Cada módulo possuía a duração de duas aulas (de 50 minutos cada), as quais foram divididas em dois momentos, uma parte teórica em sala de aula e outra prática na quadra de esportes da escola.

Todos os módulos propostos foram desenvolvidos na quadra de futebol de salão da própria escola e durante todas as atividades práticas eram obrigatórios a utilização de vendas nos olhos por todos os alunos. Para o desenvolvimento do jogo de *goalball* foi utilizada uma bola oficial da modalidade e a quadra foi demarcada em alto-relevo com barbante e fita adesiva conforme as regras oficiais do esporte.

Para as atividades da modalidade de futebol de cego foi utilizada uma bola oficial com guizos e o jogo foi adaptado utilizando um número reduzido de jogadores em cada equipe, para que a atividade ocorresse de forma segura, pois, este é um

¹ Vidente se refere na área inclusiva a alunos que têm visão, isto é, uma oposição a alunos cegos e/ou deficientes visuais.

² A metodologia crítico superadora é defendida no livro Metodologia do Ensino de Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1998) e implica em um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para aprender a realidade, entendendo a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da educação física e dos diversos aspectos da sua prática na realidade social.

³ Autores do livro Metodologia do Ensino da Educação Física.

esporte em que o aprendizado demanda muita atenção visto que a audição e o tato são elementos fundamentais durante o jogo.

Os conteúdos das respostas do questionário foram agrupados em um *corpus* textual (conjunto de textos) e analisados pelo *software* IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), versão 0.7 Alpha2. O IRAMUTEQ é um *software* gratuito e desenvolvido sob a lógica da *open source*, licenciado por GNU GPL (v2). Ele se ancora no ambiente estatístico do *software* R e na linguagem python, e apresenta rigor estatístico ao permitir aos pesquisadores a utilização de diferentes recursos técnicos de análise lexical. Além disso, sua interface é simples e facilmente compreensível (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Dentre os recursos que o *software* possui, utilizou-se neste estudo a Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Nesse método, o *corpus* textual (respostas dos questionários) é classificado em função de seus vocabulários, e o conjunto deles se divide pela frequência das formas reduzidas, de modo a se obter uma classificação estável e definitiva a partir de repetidos testes, denominados Qui-quadrado (X^2). Dessa forma, é apresentado um esquema hierárquico de classes, tornando possível inferir quais ideias o *corpus* textual deseja transmitir (POCINHO, 2018).

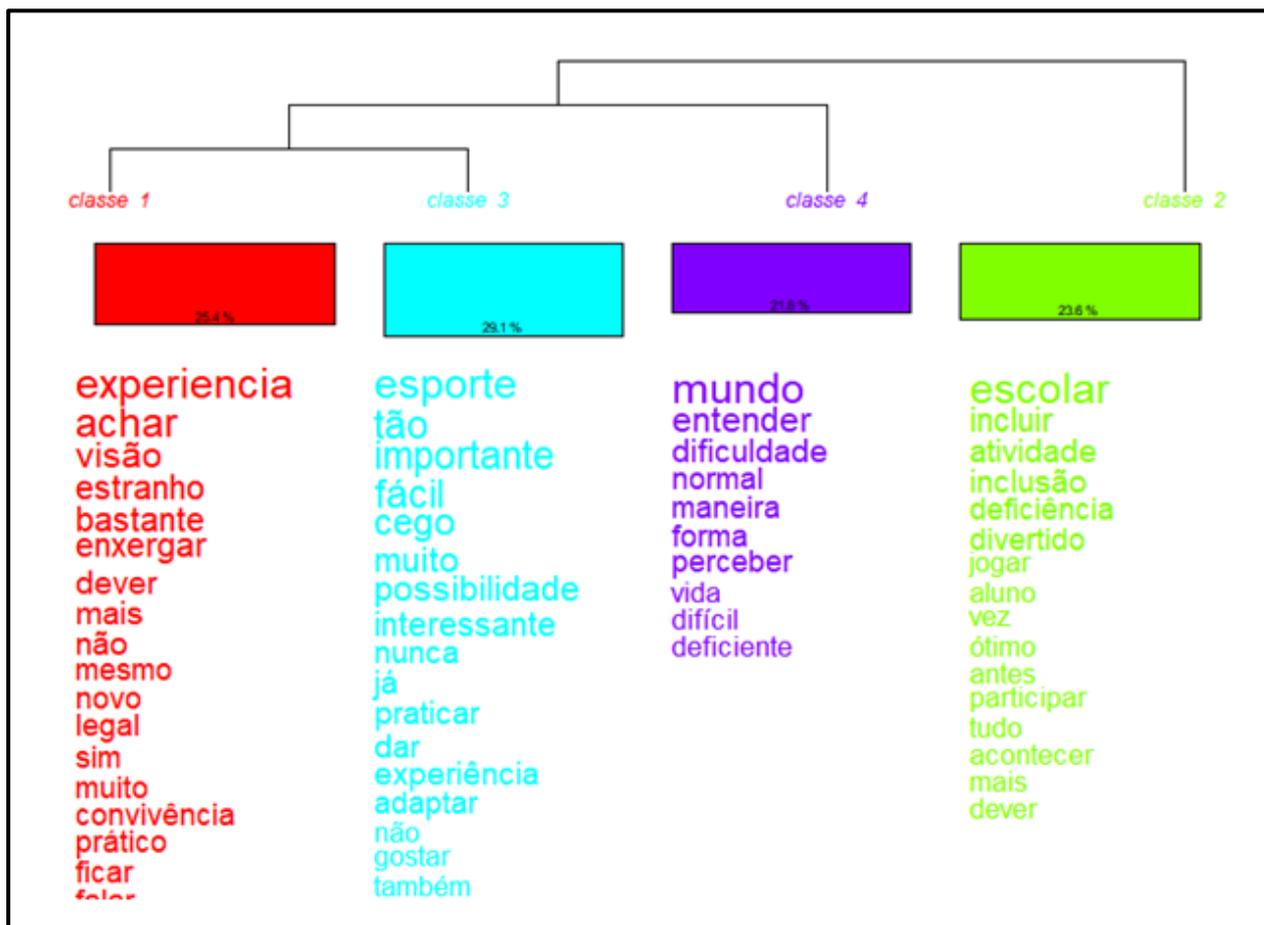
Esta análise visa obter classes de segmentos de texto que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes. A CHD é apresentada pelo *software* em forma de dendrograma e mostra a relação entre as classes obtidas na análise textual (CAMARGO; JUSTO, 2013). O dendrograma gerado nesta pesquisa resultou em três eixos e quatro classes, o que será visto no tópico seguinte.

Importante ressaltar que este estudo está em consonância com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi realizado após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES), obtendo o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAEE) 26846719.0.0000.8070, conforme o Parecer de aprovação nº 3.951.355.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados correspondem as repostas do questionário final aplicado a 29 alunos com idade entre 14 e 18 anos de ambos os sexos, sobre as modalidades de esportes adaptados desenvolvidas. A figura 1, na sequência, apresenta o dendrograma representativo da avaliação final dos módulos coletados a partir das respostas dos questionários aplicados. Os 29 textos foram separados em 72 Segmentos de Texto (ST), que tiveram um percentual de aproveitamento equivalente a 76,39% do total do *corpus* textual, ultrapassando, portanto, o percentual mínimo preconizado pela literatura: 75% (CAMARGO; JUSTOS, 2013). Assim, foram registradas 2.190 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 553 formas (palavras diferentes) e 307 hápax (palavras que aparecem uma única vez).

Figura 1: Dendrograma representativo da produção final



Fonte: Figura gerada pelo Software IRAMUTEQ (2020).

*A análise foi baseada nos dados coletados no questionário avaliativo final.

O IRAMUTEQ realizou divisões sequenciais e originou 3 eixos dos quais emergiram 4 classes. Cada classe, resultante da classificação hierárquica descendente (CHD), é composta pelas palavras mais significativas (aquelas que possuem maior frequência dentro da classe) e pelas respectivas associações com a classe.

Do eixo 1 do *corpus*, originou-se a classe 2, constituída por 13 segmentos de textos, representando 23,6% do total. Essa classe foi denominada “o esporte adaptado enquanto conteúdo nas aulas de educação física”, e os vocábulos que emergiram dela se relacionam, de forma geral, à opinião dos alunos sobre os esportes adaptados nas aulas:

É algo bem diferente do costume e bem divertido, até porque é uma nova experiência para a vida, é um meio de amadurecimento, pois estamos se colocando no lugar dessas pessoas. É algo diferente e inusitado, pois não é em qualquer lugar que temos a chance de jogar, ainda mais nas escolas, por exemplo. A percepção adquirida é também uma forma de mudar de pensamentos, até porque é a primeira vez que eu pratico e com certeza [a primeira vez] de muitos da turma. (P5)

Achei ótimo. A partir dessa atividade tive e tenho certeza [de] que estes esportes deveriam estar presentes em todas as escolas e instituições. Muitas vezes não temos noção e nem nos preocupamos com os que necessitam de ajuda, e este conteúdo muda a visão de quem o pratica. Foram experiências educativas esclarecedoras e completas. (P6)

Legal. Nos ajudou a entender como funciona. Nos mostrou que todos podem jogar. Foram legais e divertidas e nos ensinaram sobre a vida dos cegos. (P22)

Foi desafiador vivenciar uma experiência dessa. Foi muito interessante saber como deficientes visuais praticam esportes. Foi uma experiência bem divertida e esclarecedora. (P8)

Do eixo 2 do *corpus*, originou-se a classe 4, constituída por 12 segmentos de textos, representando 21,8% do total. Essa classe foi denominada “experiências práticas das modalidades”, e os vocábulos que emergiram dela estão relacionados aos relatos dos alunos sobre suas experiências ao praticarem as modalidades de futebol de 5 e o *goalball*:

Bem interessante entender o mundo de uma maneira que apenas pessoas cegas podem entender, foi inédito para mim. Simplesmente assustador, e extremamente difícil, mas bem legal. Eu jamais poderia imaginar que pessoas com deficiência visual poderiam jogar futebol. Foram bem divertidas e interessantes, poderiam acontecer mais vezes. (P9)

É uma maneira de entender o mundo dos cegos. Foi uma experiência difícil e transformadora que definitivamente mudou a visão a respeito das dificuldades de um cego. Achei divertido e inovador, visto que aulas do tipo dificilmente acontecem. Acredito que isso deveria acontecer mais vezes. (P11)

Foi uma experiência legal, pois para mim, que enxergo, foi uma maneira de me colocar no lugar de alguém que não tem o mesmo sentido, a visão. Achei muito bom mesmo e pude me divertir com cada uma das práticas que foram realizadas. (P18)

Ao analisar os discursos das classes 2 e 4, pode-se perceber que os vocábulos referentes às respostas dos alunos se aproximam em relação ao conteúdo abordado, relacionando o conteúdo com as atividades práticas. Assim, quando consideramos os relatos dos alunos apresentados nessas classes, percebe-se que os conteúdos aplicados durante os módulos trouxeram resultados e reflexões positivas sobre o tema proposto.

Resultados semelhantes a este estudo foram descritos por Salerno e Araújo (2008) ao aplicarem uma proposta do conteúdo de esportes adaptados em uma turma da quarta série de uma escola estadual do município de Campinas/SP. Os autores verificaram que, durante as atividades práticas, muitos alunos declararam que as pessoas com deficiência não são tão diferentes, pois podem realizar diversas atividades. Ademais, observaram mudanças no comportamento dos alunos que esperavam sua vez para participar do jogo de *goalball*. Por exemplo, eles entendiam a necessidade do silêncio para o desenvolvimento do jogo.

Outro estudo que aborda os esportes adaptados e a inclusão de pessoas com deficiência em aulas de EF foi realizado por Ribeiro (2009). Tal estudo concluiu que as práticas esportivas adaptadas possibilitam a participação de alunos com diferentes níveis de comprometimento em turmas inclusivas. Por outro lado, a autora alerta que conteúdos dessa natureza têm sido pouco desenvolvidos pelos professores.

Nesse contexto, corroborando com nossos achados, está o estudo desenvolvido por Mila, Sales e Rodrigues (2017), no qual foi feita uma proposta de esportes adaptados para 23 alunos sem deficiência do ensino médio de uma escola estadual de Santa Catarina. Os alunos, quando questionados sobre a presença e continuidade do conteúdo de educação física adaptada, foram enfáticos ao afirmarem que isso deveria continuar no rol de conteúdos da EF escolar. Os autores observaram, ainda, que depois da proposta desenvolvida os alunos já conseguiram ter outra visão sobre a inclusão (MILA; SALES; RODRIGUES, 2017).

Dessa forma, pode-se afirmar que as modalidades de esportes adaptados aplicadas durante os módulos desenvolveram-se de forma positiva enquanto conteúdo da EF escolar, tendo ampla aceitação dos alunos envolvidos. É possível constatar, portanto, que os esportes em questão têm grande potencial para serem incluídos na grade curricular de modo que possam fazer parte das aulas de EF na escola.

Nesse sentido, ficou evidente a necessidade da incrementação de outros esportes da mesma natureza de modo a ampliar as possibilidades práticas desses conteúdos nas aulas de EF, favorecendo, portanto, todos os alunos, sejam eles com ou sem deficiência, ao levar em consideração suas potencialidades e limitações.

Do eixo 3 do *corpus*, originou-se a classe 3, constituída por 16 segmentos de textos, representando 29,0% do total, e a classe 1, constituída de 14 segmentos de textos, representando 25,4% do total. Essas classes foram denominadas “inclusão através dos esportes adaptados”. As classes desses eixos (1 e 3) possuem similaridade de conteúdo em relação às respostas analisadas, e os vocábulos que emergiram estão relacionados ao entendimento dos alunos sobre a inclusão através dos esportes adaptados, conforme nota-se nas respostas seguintes.

Foi uma experiência legal, pois conseguimos conhecer esportes novos e entender a importância deles. Eu já sabia da possibilidade e da ação de pessoas com deficiência praticarem esportes, mas praticando o esporte foi muito fácil entender a sua importância na inclusão. Na minha opinião, foram aulas boas que nos proporcionaram resultados interessantes. Entendi que ela é muito importante, pois possibilita que as pessoas com deficiência não se isolem na sociedade e sim o contrário, participem da sociedade como qualquer outro cidadão. (P3)

É algo interessante, pois são esportes não tão conhecidos pelas pessoas. Antes eu achava que essas pessoas não podiam praticar esportes, agora eu sei que não é assim que a banda toca. Foram aulas muito interessantes de se participar. (P12)

É muito estranho, pois parece que vamos nos bater na parede. O futsal de cego eu me dei muito bem, já o goalball foi um desafio para mim. São muitas possibilidades de esportes. As aulas foram um ensinamento muito bom. (P17)

Foi uma experiência interessante, pois nunca havia me colocado no lugar de uma pessoa cega; foi um pouco agonizante também, pois sou muito curiosa. Bacana, pois não sabia que existia esses esportes. Sim, para mim foi complicado, mas no final deu certo. Gostei; foram bem aplicadas e me ajudou a pensar mais sobre essas pessoas com limitações. (P19)

Os relatos apresentados pelos alunos nos levam a inferir que todos reconheceram a prática de modalidades de esportes adaptados como uma ajuda na inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de EF da escola. Segundo os relatos, a proposta de praticar um esporte pouco conhecido no contexto escolar despertou o interesse dos alunos por conteúdos da mesma natureza e permitiu a eles a compreensão dos limites e possibilidades de pessoas com deficiência no que se refere à prática esportiva.

Costa e Souza (2004), desse modo, concordam que o grande desafio para a educação em geral e, mais precisamente, para a educação física, é redimensionar o tempo e o espaço do trabalho escolar, flexibilizar os conteúdos rompendo com a compartimentalização dos saberes e, ainda, aprender a lidar com o uno e o diverso ao mesmo tempo.

Ao concordar com tal pensamento, Ferreira e Cataldi (2014) afirmam que uma possível proposta para a educação física inclusiva seria disponibilizar aulas nas quais os alunos com e sem deficiência participassem juntos de todas as atividades propostas. Por outro lado, esses autores chamam atenção para a necessidade de haver momentos complementares e atividades separadas que contemplem as especificidades de cada aluno visando, assim, desenvolver habilidades para o maior sucesso na execução das tarefas.

Quanto à prática de esportes adaptados nas aulas de educação física, observou-se nas percepções dos alunos que essas atividades quando bem estruturadas e aplicadas tendem a favorecer a inclusão de pessoas com deficiência na escola e na EF, visto que permitem a participação de todos, independentemente de suas limitações. Entretanto, os estudos de Mila, Sales e Rodrigues (2017) encontraram resultados diferentes quanto à inclusão nas aulas de EF através dos esportes adaptados. Na percepção dos alunos, foi observada a dificuldade de realizar a inclusão no cenário escolar, uma vez que aqueles com alguma deficiência geralmente recebiam, nas aulas de EF, atividades diferenciadas dos demais.

Por outro lado, o estudo acima citado condiz com nossos achados ao conseguir demonstrar que as aulas de educação física adaptada são importantes para a inclusão e, a partir dessas práticas, os alunos conseguem vislumbrar um horizonte de inclusão mais concreto do que antes do processo de intervenção.

Nesse contexto, Alves e Fiorini (2018), levando em consideração as adaptações curriculares, consideram importante a presença do esporte paraolímpico no currículo de alunos com deficiência, porque a inclusão não diz respeito somente à prática conjunta dos mesmos conteúdos e objetivos, mas sim a uma aprendizagem adequada de acordo com suas necessidades e especificidades.

Observa-se, portanto, que os esportes adaptados são uma importante ferramenta para a educação física escolar na busca de uma prática que atenda a todos os alunos, uma vez que, através dessas modalidades, é possível aprender diversos conceitos que vão desde os benefícios das atividades físicas até as noções de solidariedade e respeito às diferenças de todos os envolvidos no processo educacional ou fora dele.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados deste e de outros estudos, bem como considerando o objetivo aqui apresentado – como a prática de esportes adaptados favorece a inclusão de pessoas com deficiência visual nas aulas de EF no ensino médio integrado –, pode-se inferir que a prática dessas modalidades se mostrou eficiente e satisfatória, tendo ampla aceitação dos alunos envolvidos.

A partir das respostas dos participantes, foi possível avaliar que os alunos demonstraram interesse em conhecer outras modalidades de esportes adaptados, evidenciando que conteúdos desta natureza podem e devem fazer parte da ementa da disciplina de EF. Em suma, eles reconheceram tais modalidades como um conteúdo de caráter inclusivo que pode ser implementado na escola.

Assim, podemos afirmar que, em busca de uma EF que atenda a todos os alunos, a prática de modalidades de esportes adaptados nas aulas de EF no ensino médio integrado dos Institutos Federais favorece a inclusão de pessoas com deficiência visual.

O que se pretendeu com este estudo não foi fornecer uma fórmula pronta sobre como desenvolver estas modalidades na educação física escolar, senão refletir e contribuir sobre as diversas possibilidades que o conteúdo de esportes adaptados pode proporcionar para todos os alunos, sejam eles com ou sem deficiência.

Assim, é importante que os Institutos Federais, enquanto protagonistas de uma proposta de educação que atenda às diferenças, possam discutir um direcionamento sobre as possibilidades de implementação do conteúdo de esportes adaptados nas aulas de educação física no ensino médio integrado, propiciando reflexões e discussões sobre o processo inclusivo por meio da prática esportiva na disciplina, ao contribuir, desse modo, com a formação integral dos alunos.

Dessa forma, sugere-se que sejam ampliadas as pesquisas referentes à inclusão nas aulas de educação física no ensino médio integrado dos Institutos Federais, além de que estudos sobre as modalidades de esportes adaptados sejam

explorados para que tais conteúdos se tornem uma das possibilidades de inclusão por meio dos esportes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Luíza Tanure; FIORINI, Maria Luiza Salzani. Como promover a inclusão nas aulas de Educação Física? A adaptação como caminho. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 19, n. 1, p. 03-16, jan./jun. 2018.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, mai./ago. 2015.

BRASIL. **Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: Planalto Central, 2008.

CENSO ESCOLAR. **Notas Estatísticas 2019**. Brasília, janeiro, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>. Acesso em: 10 out. 2019.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. (Resenha). **Revista Temas em Psicologia**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CARDOSO, Vinicius Denardi. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun. 2011.

CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise. Ensino Médio integrado. *In*: CALDART, Roseli Salete (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão popular, 2012. p.307-314.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectiva para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, mai. 2004.

CUNHA, Leonardo Miglinas. **O esporte adaptado como conteúdo nas aulas de Educação Física**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

DALL'ALBA, Jacira. GUERREIRO, Elaine Maia Bessa Rebello. Inclusão no contexto dos institutos federais de educação: contribuições do napne do ifam - cmz. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos. **Anais eletrônicos**. Campinas: Galoá, 2016. Disponível em: <https://proceedings>.

science/cbee/cbee7/papers/inclusao-no-contexto-dos-institutos-federais-de-educacao--contribuicoes-do-napne-do-ifam---cmzl. Acesso em: 15 mar. 2020.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e Organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p.95-128.

FERREIRA, Eliana Lucia; CATALDI, Carolina Lessa. Implantação e implementação da Educação Física inclusiva. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 48, p. 79-94, jan./abr. 2014.

FERREIRA, João Elias Vidueira; PEREIRA, Maria do Perpétuo Socorro Sarmento; COSTA, Deriks Karlay Dias. Uso de desenhos táteis para aumentar o acesso de deficientes visuais a informações esportivas. *In*: CARDOSO, André Luiz Rabelo.

GUIMARÃES, Iza Manuella Aires Cotrim. JUNIOR, Edson Antunes Quaresma. (orgs.). **Institutos Federais: educação gestão e atuação**. Montes Claros: IFNMG, 2018. p. 88-101.

FREITAS, Michele Gomes; SALES, Zenilda Nogueira; MOREIRA, Ramom Missias. Representações de alunos com deficiência visual sobre as aulas de Educação Física escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, Jequié, v. 10, n. 1, p.100-109, 2016.
GARIGLIO, José Ângelo. Educação Física no currículo de uma escola profissionalizante: um caso *SUI GENERIS*. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 69-88, jan. 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

IFPA. Instituto Federal do Pará. **Resolução n. 064/2018 – CONSUP de 22 de março de 2018**. Belém, 2018. Disponível em: <http://proen.ifpa.edu.br/>. Acesso em: 21.05.2020.

IFPA. Instituto Federal do Pará. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2019-2023**. Belém, 2019. Disponível em: <https://prodin.ifpa.edu.br/pdinterativo>. Acesso em: 04 mai. 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** (Coleção cotidiano escolar). São Paulo: Moderna, 2003.

METZNER, Andria Cristina. Contribuição da Educação Física para o ensino médio: estudo a partir da prática docente de professores de Institutos Federais. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 106-123, set./2017.

MUNSTER, Mey de Abreu Van. Inclusão de estudantes com deficiências em programas de Educação Física: adaptações curriculares e metodológicas. **Revista da Sobama**, Marília, v. 14, n. 2, p. 27-34, jul./dez., 2013.

MILAN, Fabricio João; SALLES, Willian das Neves; RODRIGUES, Lilian Beatriz Schwinn. Educação Física adaptada como perspectiva de inclusão: percepções de alunos sem deficiência na educação física escolar. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 15, n. 4, p. 432-451, out./dez. 2017.

NASCIMENTO, Franclin. FARIA, Rogério. A questão da inclusão na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica, a partir da ação TEC NEP. *In*: NASCIMENTO, Franclin Costa do. FLORINDO, Girlane Maria Ferreira. SILVA, Neide Samico da. (orgs.). **Educação profissional e tecnológica inclusiva: um caminho em construção**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2013. p. 13-23.

SILVA NETO, Antenor de Oliveira. *et al.* Educação Inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 81-92, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24091>. Acesso em: 01 jul. 2020.

NUNES, Silva; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 55-64, jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, João Paulo dos Santos; MELO, Rafaela Dias. Educação Física ambiental e inclusiva: um relato de experiência interdisciplinar no desenvolvimento e apresentação de jogos sensoriais adaptados a uma estudante com deficiência visual. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Pernambuco, v. 1, p. 1-11, 2020.

RIBEIRO, Sônia Maria. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

SALERMO, Marina Brasiliano; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Esporte Adaptado como tema da Educação Física Escolar. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 212-221, jul. 2008.